

ATIVIDADES AQUÁTICAS PARA BEBÊS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO MOTOR E AUTO SALVAMENTO

PAIVA, Elizama Pereira

Centro Universitário de Jaguariúna

ROSA, Angelo Alex

Centro Universitário de Jaguariúna

CASTELANI, Patricia Fernanda

Centro Universitário de Jaguariúna

DELBIM, Lucas Rissetti

Centro Universitário de Jaguariúna

RESUMO: As atividades aquáticas para bebês são ferramentas para o melhor desenvolvimento da criança uma vez que, além de proporcionar uma série de estímulos apresenta significativa aderência em indivíduos de todas as faixas etárias. A natação infantil propriamente dita é o primeiro e mais eficaz instrumento de aplicação da Educação Física no ser humano. A atividade aquática proporciona aos bebês benefícios físicos, orgânicos, sociais, terapêuticos e recreativos, melhora a adaptação na água, além do aprimoramento da coordenação motora, noções de espaço, tempo e grande influência no preparo psicológico e neurológico para o auto salvamento no meio líquido, além de apresentar fatores benéficos associados a resistência cardiorrespiratória e muscular. Sendo assim a presente proposta busca trazer através de uma revisão de literatura a importância da atividade aquática para bebês a partir dos seis meses de vida, com embasamento sobre a importância da adaptação do bebê ao meio líquido para o seu auto salvamento e a influência sobre o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e motores que o meio líquido proporciona.

Palavra chave: Natação, Bebês, Desenvolvimento Motor, Auto Salvamento, Afogamento.

ABSTRACT: Aquatic activities for babies are an excellent tool for the best development of the child. Infant swimming it's self is the first and most effective instrument for applying physical education to human beings. Aquatic activity provides babies with physical, organic, social, therapeutic and recreational benefits, improves adaptation in water, in addition to improving motor coordination, notions of space and time, and great influence on psychological and neurological development The self-rescue in the liquid environment, in addition to having beneficial factors in the cardiorespiratory and muscle resistance. Thus this study seeks to bring through a revision of literature the importance of aquatic activity for infants from the six months of life, with the basis of the importance of the adaptation of the baby to the liquid environment for its self-rescue and the influence of the same on the desired Development of the cognitive, affective aspects and engines that the liquid medium provides.

Keyword: Swimming, babies, Motor development, Auto Rescue, Drowning.

INTRODUÇÃO

A água é um meio ambiente diferente em que vive os seres humanos, ela apresenta características próprias. Desta forma, a simples adaptação à este novo ambiente já se torna um estímulo adaptativo. Para o Homem a convivência com o ambiente líquido, através da prática da natação, tornou-se terapêutica e competitiva permitindo intensificar a autoconfiança neste ambiente, além das mais diversas emoções e curiosidades por novas descobertas corporais.

Entende-se por natação segundo Damacena (1997, p.05) como sendo um desporto estruturado e regulamentado que busca obter registros de tempo, cada vez mais inferior através de um treinamento metódico, individualizado e específico, desta feita caracteriza-se por um desporto de marca. Então entende que a natação, não se deve mais ser levada pelo o método tecnicista buscando o alto rendimento a partir da sua prática, mas sim um meio onde levará o individuo para o seu processo de educação integral. Pois para Burkhardt e Escobar (1985) a natação é muito mais que nadar rapidamente em linhas retas, é a múltipla relação pura e simples com a água e com o próprio corpo, sinalizando estímulos adaptativos em relação ao controle dos movimentos em um ambiente diferenciado do usual. Sendo assim a natação ou qualquer outra área na Educação Física deve proporcionar o inter-relacionamento entre o prazer e a técnica, através de procedimentos pedagógicos criativos, buscando o desenvolvimento do indivíduo que o pratica, principalmente da criança nos seus primeiros momentos e vivências no ambiente líquido.

Este estudo busca despertar uma discussão, através de uma revisão de literatura sobre a importância da natação para bebês a partir dos seis meses de vida pontuando aspectos como o prazer com o meio líquido e principalmente a influência no desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e motores por este ambiente proporcionado.

OBJETIVO GERAL

Esse estudo busca trazer através de uma revisão de literatura a importância da atividade aquática para bebês a partir dos seis meses de vida, tanto no tocante ao desenvolvimento motor como em relação ao auto salvamento.

Objetivos Específicos

- Conceituar o que é natação para bebês e suas principais diretrizes;
- Considerar sobre as condições de desenvolvimento motor proporcionadas pelas atividades aquáticas;
- Pontuar nuances sobre o auto salvamento em bebês praticantes de atividades aquáticas.

JUSTIFICATIVA

A prática da natação para bebês apresenta-se como área de interesse dos participantes da presente proposta que apresentam como objetivos complementares também desenvolver métodos de ensino adequados, uma vez que esta atividade possui objetivos, características e metodologia própria.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma revisão de literatura construída à partir da consulta de obras científicas publicadas eletronicamente e livros sobre postulados relativos à temática central. Foram consultadas bases de artigos como Scielo e Google Acadêmico, além da plataforma Ebsco. Não houve submissão do projeto ao SISNEP/CONEP por não utilizar pesquisa de campo com indivíduos humanos ou animais. Porém todos os aspectos relacionados à propriedade intelectual das obras utilizadas foram mantidos.

REVISÃO DA LITERATURA

Desenvolvimento motor e a atividades aquáticas:

Entende-se que o desenvolvimento motor, as mudanças qualitativas do comportamento motor ao longo da vida, progredindo de movimentos simples e

rudimentares até a realização de tarefas motoras altamente especializadas (GABBARD, 2000; GALLAHUE, OZMUN, 2005). Ao longo dos primeiros anos de vida, o bebê apresenta um ritmo de desenvolvimento muito acelerado (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006), sendo os ganhos de desenvolvimento associados ao sistema nervoso potencializados em função da maior plasticidade cerebral e aumento das redes neurais (GABBARD, 1998), os principais movimentos que o indivíduo apresenta nessa fase são os movimentos reflexos, as estereotípias e os movimentos voluntários (GALLAHUE, OZMUN, 2005; HAYWOOD, GETCHELL, 2004; PAYNE, ISAACS, 2007). Os movimentos reflexos são respostas físicas automáticas desencadeadas involuntariamente por um estímulo específico e são controlados, sub corticalmente, ou seja, pelos centros cerebrais inferiores (BEE, 2005). Outra categoria de movimento observado nos bebês são os estereotípias, que são movimentos rítmicos, padronizados relativamente invariáveis e submetidos a um controle central. Esses movimentos são considerados benéficos para o desenvolvimento posterior, acredita-se que eles acompanham uma fase de transição entre a atividade reflexa e voluntária (PAYNE, ISAACS, 2007). À medida que o córtex cerebral assume o controle da motricidade, o bebê adquire os movimentos voluntários que também podem ser chamados de movimentos rudimentares (GALLAHUE, OZZMUN, 2005). Embora sequencialmente fixa, a aquisição desses movimentos mostra-se variável no ritmo em função das restrições do indivíduo, do ambiente e da tarefa (GALLAHUE, OZMUN, 2005; HAYWOOD, GETCHELL, 2004; PAYNE, ISAACS, 2007). Em relação ao movimento voluntário, que também podem ser chamados inicialmente de movimentos rudimentares, manifestam-se em função da maturação crescente do córtex cerebral (GALLAHUE, OZMUN, 2005). Como acima descrito, o desenvolvimento neuronal influencia diretamente no amadurecimento do movimento humano e as aquisições motoras da primeira infância (BEE, 2003; PAYNE, ISAACS, 2007).

A primeira infância, compreendida no período de 0 e 3 anos, é entendida por um período com ritmo de desenvolvimento acelerado (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006). Esse aceleração ocorre, pois o sistema nervoso está se desenvolvendo em uma velocidade elevada, aumentando então suas redes neurais. Também está ocorrendo muito rapidamente o processo de mielinização das fibras nervosas (BEE,

2003; PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006), que segue o desenvolvimento padrão céfalo caudal e próximo distal, (BEE, 2003; PAYNE, ISAACS, 2007). Neste período o cérebro do indivíduo apresenta grande maleabilidade condições ideais para modificações, mais compreendida como plasticidade, que através de experiência e potencialidades gera ganhos no tocante ao desenvolvimento global (BEE, 2003; GABBARD, 1998; PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006).

De acordo com Gabbard (1998), nesta fase o indivíduo apresenta oportunidades de aprendizado mais sensíveis, sendo assim de muita importância que o bebê tenha um ambiente rico para experiências sensoriais. De acordo com Gallahue e Ozmun (2007), é exatamente nesta fase que a atividade motora para o bebê é essencial, pois o mesmo aprende por meio de suas interações físicas com o mundo. Béziers (1994) acrescenta que através dos movimentos o bebê percebe as diferentes sensações: motoras, orgânicas sensoriais, afetivas, etc. Ainda em relação à primeira infância, o indivíduo está em um intenso processo de experimentação, sendo preservados os comportamentos que mais eficientemente atingem o objetivo (PAPALIA, OLDS, FEIDMAN, 2006). A tarefa principal do bebê é aprender se movimentar de forma eficiente, como descrito abaixo:

Desde o nascimento, o bebê está em constante luta para dominar o meio ambiente e sobreviver nele. Nas primeiras fases de desenvolvimento, a interação do bebê com o ambiente ocorre através dos movimentos. O bebê deve começar a dominar três categorias básicas de movimento para sobreviver e para interagir de modo efetivo e eficiente, com o mundo (GALLAHUE, OZMUN, 2005, p.166).

As três categorias de movimentos são: os estabilizadores, os locomotores e manipulativos (GALLAHUE, OZMUN, 2005). Os movimentos estabilizadores envolvem a relação do corpo com a força da gravidade, em busca de uma postura sentada e em pé ereta, e abrange as habilidades de controle da cabeça, controle do corpo, sentar e ficar em pé. Já os movimentos locomotores estão relacionados com habilidades básicas cujo objetivo é a movimentação pelo ambiente e envolvem a locomoção em decúbito ventral e ereta. Por fim, os movimentos manipulativos, que englobam habilidades de alcançar, segurar e soltar com a finalidade de fazer contato significativo com os objetos (GALLAHUE, OZMUN, 2005; PAYNE, ISAACS, 2007). As habilidades de alcançar são muito limitadas “nos primeiros quatro meses o bebê

não faz movimentos para alcançar objetos” (GALLAHUE, OZMUN, 2005, p. 173). O alcance inicialmente estará restrito a um tatear casual, que vai evoluir para um ato de alcançar que é iniciado visualmente, por volta dos 4 ou 5 meses de idade.

O ato de “segurar” do nascimento até o quarto mês de vida é uma ação totalmente reflexa (GALLAHUE, OZMUN, 2005; PAYNE, ISAACS, 2007). A capacidade de soltar definida por Payne e Isaacs (2007, p.243) como “o relaxamento dos músculos do braço num nível suficiente para permitir a soltura de um objeto” essa é umas das últimas habilidades manipulativas adquirida na primeira infância (GALLAHUE, OZMUN, 2005; PAYNE, ISAACS, 2007). Essa e outras ações reflexas estão relacionadas à necessidade e sobrevivência dos seres humanos uma vez que, através do movimento é possível um melhor relacionamento com as adversidades encontradas nos ambientes.

Atividades aquáticas para o bebê e a influência no desenvolvimento do indivíduo:

Muitos são os nomes dados aos programas de intervenção motora para bebê proporcionado no meio aquático: Natação para bebês (CLEVENGER, 1986; DAMASCENO, 1997; DEPELSENEER, FONTANELLI, FONTANELLI, 1986; ZULIETTI, SOUSA, 2002); natação para lactantes (BRESGES 1980); atividades aquáticas para bebês (AZEVEDO, 2007; MORENO, ABELLÁN, LÓPEZ, 2003). Essa prática tem como público-alvo crianças de 0 a 18 meses de idade (ZULIETTI, SOUSA, 2002) e tem se popularizado nos últimos anos (LIMA, 2003; PAYNE, ISAACS, 2009). Nesta perspectiva observa-se que a água apresenta algumas propriedades que atenuam a ação da gravidade sobre os corpos imersos nela, como flutuação e o empuxo (LIMA, 2003). Essas características são diferenciais observados em relação ao meio líquido para assim desenvolver trabalho com bebês, pois permitem execuções de ações que não seriam possíveis fora d’ água (CHEREK, 1999; CLEVINGER, 1986; CORRÊA, 2009; DEPELSENEER, 1989; MOULIN, 2007; ZULIETTI, SOUSA, 2002). A água oferece também uma resistência maior ao movimento por menor que seja é percebido e se torna consciente e promove um maior fortalecimento muscular (CHEREK, 1999). O meio líquido estimula, principalmente através da pele, os sentidos e o corpo (AHRENDT, 1999;

CHEREK, 1999), oferecendo novas e enriquecedoras possibilidades de coordenação (DEPELSENEER, 1989).

A atividade aquática para bebês não é tão comparada com a natação propriamente dita (BRESGES, 1980), caracteriza como uma estimulação motora realizada no meio líquido, oferecendo algumas propriedades facilitadoras como já anteriormente descritas e tem como objetivo o desenvolvimento global do bebê e também sua socialização (MADORMO, 2008). Cherek (1999) acrescenta que o objetivo dos programas de atividades aquáticas para bebês é o desenvolvimento através do movimento, opinião compartilhada por Damasceno (1997). Onde alguns programas tem como foco o desenvolvimento dos quatro estilos formais da natação e o auto salvamento (CHEREK, 1999; MOULIN, 2007), que não são adequados para a faixa etária precoce e muitas das vezes exige um esforço exagerado dos bebês (MOULIN, 2007). Já as práticas aquáticas lúdicas privilegiam as descobertas sensoriais e as atividades motoras em um ambiente de segurança afetiva criado pelo os pais e professores, na condição de facilitadores e supervisores do processo (MOULIN, 2007, p. 26).

Entre as vantagens dessa prática, são frequentemente citadas na literatura: sono mais tranquilo (FONTANELLI, FONTANELLI, 1995; MADORMO, 2008) efeito positivo no desenvolvimento motor global do bebê através do fortalecimento do tônus muscular (AHRENDT, 1999; CLEVINGER, 1986; FONTANELLI, FONTANELLI, 1995; MADORMO, 2008), desenvolvimento de um maior número de conexões neurais através da descoberta de novas habilidades (MADORMO, 2008), fortalecimento do laço afetivo entre pais e bebês (CORRÊA, 2009; FONTANELLI, FONTANELLI, 2008; MURCIA, PAULA, 2005a), efeitos positivos na socialização (CORRÊA, 2009; DEPELSENEER, 1989; FONTANELLI, FONTANELLI, 1995; MADORMO, 2008; MORENO, PAULA, 2005b).

Quanto à influência no desenvolvimento motor de bebês, muitos autores afirmam haver inúmeros benefícios advindos dessa prática (BRESGES, 1980; FONTANELLI, FONTANELLI, 1995; CLEVINGER, 1986; DAMASCENO, 1997; DEPELSENEER, 1989; MADORMO, 1997; MADORMO, 2008; MORENO, ABELLÂN, LÓPEZ, 2003; NAKAMURA, SILVEIRA, 1998), no entanto poucos são os estudos que realmente demonstram essas influências (AHRENDT, 1999; PEREIRA,

SACCANI, VALENTINI, 2009a – 2009b). Moulin (2007) propõe que programas de atividades aquáticas podem antecipar certas capacidades nos bebês, como controle mais precoce dos braços e manutenção da postura em pé.

Ahrendt (1999) comparou o desenvolvimento motor de bebês que praticam natação e com os de não praticam aos 3,6, 9 e 12 meses de idade. Aos 3 meses, foi constatada uma diferença significativa entre os grupos no escore total e na postura prono, com superioridade dos bebês da natação; aos 6 meses, diferença significativa foi encontrada na postura sentada e tendência significância no escore total, sendo que ambos os casos o desempenho foi superior entre os bebês da natação; aos 9 meses diferenças significativas não foram encontradas, mas o escore total dos bebês da natação se mostrou superior aos dos bebês do grupo controle, e, por fim, aos 12 meses, os escore nas posturas prono e supino foram significativamente maiores entre os bebês da natação, e também observou-se tendência á significância no escore total sendo que o grupo controle apresentou escore inferiores. Ao correlacionar o desenvolvimento motor como tempo em que os bebês participam do programa, foi observada uma correlação positiva fraca aos 6, 9 e 12 meses, considerando a frequência da estimulação aquática uma pequena correlação positiva foi encontrada aos 6 meses nas posturas sentada e em pé. Ao avaliar o desenvolvimento motor de bebês participantes de um programa de atividades aquáticas, Pereira, Saccani e Valentini (2009 a) constataram que todos apresentaram desenvolvimento normal para a idade, sendo que os valores percentuais variaram entre 32 a 89, o que caracteriza um desenvolvimento acima do esperado para a faixa etária. Além disso, a maior pontuação foi obtida na postura prono e desenvolvimento motor se mostrou semelhante entre os gêneros, outro estudo, cujo objetivo foi comparar o desenvolvimento motor de bebês que participam de programas de atividades acompanhados de seus pais com o de bebês que não recebem este estímulo, constatou diferença, significativas no tempo ou aquisição de diferentes habilidades, sendo os resultados favorável ao primeiro grupo (NUMMINEM, SÄÄKSLATHI apud MORENO, ABELLÁN, LÓPEZ, 2003). No estudo de Pereira, Saccani e Valentini (2009b), o desenvolvimento motor de bebês, participantes e não participantes de um programa de atividades aquáticas foi acompanhado ao longo de 3 meses e observou-se que embora com diferenças

estaticamente significativas restritas ao segundo momento avaliativo, os bebês participantes do programa apresentaram desenvolvimento superior no decorrer das avaliações.

Liberação do Médico para a prática da Natação de bebês.

No final do século XX, médicos e psicólogos viam na natação, uma maneira de se estudar o desenvolvimento da criança, obtendo dados sobre o amadurecimento do sistema nervoso central, pois os primeiros 22 meses de vida exercem uma grande influência, favorecendo as habilidades motoras (Kerbej, 2002).

A natação, sob esta ótica, apresenta algumas contraindicações, mas na maioria dos casos são passageiras, como gripes e as inflamações. No caso de crianças com rinite (reação inflamatória da membrana mucosa nasal) há divergências de opiniões médicas. Alguns indicam a natação e outros não aconselham. Outro problema comum em bebês é a alergia ao cloro. No entanto, está-se a começar a usar cloro orgânico ou sal de tratamento de piscinas, o que evita as reações alérgicas (Camus, 1993). Muitos pediatras recomendam a natação para bebês como um complemento saudável à formação físico-psíquica das crianças e outra linha é contra esta atividade; alguns por não acreditarem nos benefícios que a natação poderá trazer e ainda acham que trará malefícios, pois acham que a diferença de temperatura da piscina e ambiente, o tratamento químico e da higiene da água podem causar resfriados e otites mantidas por muito tempo (crônicas). O Quadro 01 apresenta algumas situações de contraindicação em relação à prática de atividades aquáticas por bebês:

Quadro 01 – Contraindicações para Bebês

Problemas Bacterianos	Conjuntivites, amidalites, otites, sinusites.
Problemas Virais	Meningite, sarampo, catapora, caxumba, rubéola.
Estado de Saúde	Febril.
Condições Crônicas	Cardiopatas graves.
Quadros Sintomatológicos	Diarreias.

Condições Descompensadas	Respiratórias	Crises muito fortes de asma/bronquite.
Quadros Dermatológicos		Micoses.

Fonte: Natação para bebês / Oswaldo Fumio Nakamura, Ruth Helena S. Silveira – São Paulo: Ícone, 1998.(ADAPTADO PELO OS AUTORES)

Estrutura e temperatura da piscina:

Com o surgimento de várias academias e centros especializados no ensino da natação, começou-se a surgir classes específicas da natação para bebês (LIMA, 2003). A academia deve dispor de um vestiário apropriado, com trocadores, e que tenha ligação direta com a piscina, para que o bebê não receba golpes de ar nem mudanças bruscas de temperatura. Em relação à temperatura da água, no verão deve estar entre 31°C e 32°C, no inverno entre 34°C e 35°C. Importante salientar que o bebê não apresenta grande movimentação, desta feita, ele precisa de uma temperatura mais próxima a do seu banho para que a aula seja agradável e não lhe cause desconforto. Por exemplo: frio, tremor, etc. No entanto, outros fatores devem ser observados como: o programa de vacinas deve estar atualizado, PH da água devendo estar, respectivamente entre os 28°C a 32°C e os 7,2 a 7,8, deve ser tratada preferencialmente por ionização através de raios ultravioleta e/ou eletrólise de sal para permitir baixo teor de cloro, deve haver um número suficiente de objetos com diferentes cores, tamanho e formatos, o horário da aula não deve coincidir com os horários do sono e da alimentação da criança (AZEVEDO *et al.*,2008).

Métodos de ensino da natação para bebês:

De acordo com Antunes (2000), a forma mais simples de aprendizagem para o bebê é a aprendizagem mecânica, que seria a repetição de estímulos, onde o mesmo associaria os sons e imagens ao seu universo de conhecimentos. Conforme Fernandes (2004), citado por Azevedo *et al.* (2008), as aulas de natação para este público devem ter menor duração (entre 30 a 45 minutos) uma vez que o sistema termorregulador do bebê ainda não se encontra tão bem desenvolvido e, também, pelo fato de a sua capacidade de atenção ser menor tornando-se cansativas as

atividades com grande tempo de duração. Segundo Lima (1999), os primeiros estudos relacionados ao ensino da natação para bebês, propriamente dito, eram realizados sobre o nível e/ou estado maturacional do aluno, o que muitas vezes comprometia o rendimento das aulas, uma vez que os professores utilizavam de exercícios inapropriados para a idade, de forma que os alunos não conseguissem realizar estes exercícios com a eficiência esperada. Desde cedo deve-se construir uma disciplina em relação às regras e comportamentos necessários, até mesmo na piscina, os exemplos são importantes, início das aulas no horário, a sequência proposta e as orientações devem ser compatíveis e bem claras aos participantes. Exercícios que são precoces para a idade, podem ser frustrantes e desmotivadores para o aluno, podendo causar até desistência da prática, uma vez que o mesmo pode não conseguir realizar os movimentos demonstrados pelo professor. A introdução da criança ao meio líquido deve ser algo prazeroso, de forma que a mesma consiga vivenciar as boas sensações que a água proporciona.

Fonseca (1983) diz que durante as aulas, é de suma importância que os pais estejam presentes, participando diretamente junto ao seu filho, pois o bebê sente segurança física e afetiva em seus pais. Não é recomendado substituir os pais nem mesmo pelo professor mais especializado na área, pois o bebê ainda tem um círculo muito restrito do meio em que vive e os adultos que o cercam, por isso, devem ser respeitados os aspectos psicológicos de cada criança. A maneira com que os pais transferem o seu calor para a criança ajudará no aprendizado da natação. De acordo com (Borges, 2008; Kerbej, 2002 & Rodríguez, 2005), são vastas as alternativas de atividades que podem deixar a aula atrativa para os bebês. O professor deverá conduzir a aula sempre de forma muito alegre, convidando os alunos para a próxima atividade com boa disposição. Pontuando que todo o processo deve ser levado de forma lúdica e envolvente e o professor deverá sempre elogiar as conquistas de cada bebê.

A importância do auto salvamento para crianças:

No Brasil, as mortes por afogamento representam 6,5 mil mortes por ano, colocando o país no ranking de terceiro país com mais mortes por afogamentos por

essa causa (WHO, 2014). O relatório Global sobre afogamentos da OMS do ano de 2014 alerta que a prevenção é possível e as evidências mostram que uma série de intervenções são eficazes, tal como a utilização de barreiras físicas para controlar o acesso à água e o ensino de habilidades básicas de natação a crianças em idade escolar (WHO, 2014, p.9). Sendo assim, o profissional de Educação Física pode e deve ser o precursor, no sentido de educar seus alunos e a comunidade no que se refere à prevenção aquática. Para José (2016), a natação tem que ser pensada para além dos quatro estilos tradicionais, ou seja, aprender a nadar não se resume apenas aos estilos clássicos. De acordo com Carvalho (1994), saber nadar é fundamentalmente ser capaz de flutuar e deslocar-se na água sem recursos a apoios fixos ou a meios auxiliares de sustentação. A técnica do método do auto salvamento, ensina crianças de 6 meses aos 6 anos as competências específicas que lhes permitem salvar suas próprias vidas. Há uma lacuna científica em relação às publicações sobre a referida temática, necessário portanto uma atenção especial às pesquisas que desenvolvam inferências e subsídios às novas proposituras sobre o referido assunto.

O método se aplica em ensinar as crianças de 6 a 12 meses a aprenderem a girar o corpo a partir de uma posição de decúbito dorsal na água para decúbito ventral e assim ficar na posição de flutuar, o bebê será ensinado a descansar e respirar de costas para a água, flutuar, até chegar ajuda. Para crianças maiores o Método consiste em nadar, flutuar, nadar até chegar no meio terrestre ou algo em que se possa apoiar e esperar ajudar. De acordo com Carvalho (1994), saber nadar é fundamentalmente ser capaz de flutuar e deslocar-se na água sem recursos a apoios fixos ou a meios auxiliares de sustentação. Os afogamentos ocorrem porque a princípio, os adultos que supervisionam as crianças não têm ideia dos riscos que envolvem a relação criança e piscina, portanto, fatores como: ausência de barreiras de segurança ao redor da piscina: a criança que brinca na água ou próxima a mesma sem a supervisão de um adulto; parente que se distrai acreditando que o outro está supervisionando; ausência do adulto por pequenos períodos, como atender um telefone, pegar uma toalha; objetos tentadores na superfície ou no fundo da piscina e finalmente, a inabilidade para o auto- salvamento em meio líquido (PEARN, NIXON, FRANKLIN, WALLIS, 2008; CASTLEDINE, 2000; GILCHRIST *et*

al.,2000). Na década de 90 uma verdadeira explosão de artigos científicos, insiste em confirmar que a prática da natação na 1ª infância não deveria ser só simples momentos de diversão, mas sim, um processo obrigatório de aprendizado de habilidades de auto- salvamento (BARS, 1995; ASHER *et al.*,1995).

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado, o desenvolvimento motor nos primeiros anos de vida ocorre de forma acelerada. Sendo o período de maior plasticidade cerebral o processo de desenvolvimento sofre influencia de diversos fatores ambientais, inclusive aqueles relacionados á especificidade das tarefas e desafios proposta às crianças. Programas de intervenção motora têm sido implantados com o intuito a proporcionar benefícios no desenvolvimento motor de bebês. Embora poucas pesquisas tenham sido implementados observa-se que intervenções no meio aquático também repercutem positivamente no desenvolvimento. Conclui-se que programas de intervenção precoce auxiliam o bebê no seu desenvolvimento em diferentes aspectos- motor, físico, cognitivo e psicossocial, mais específica, os programas aquáticos ainda proporcionam a adaptação do individuo ao meio líquido, permitindo que a criança domine e interaja com esse meio de forma independente e prazerosa em idades mais precoces. Sendo assim programas de intervenções motoras devem proporcionar aos suas participantes diversas formas de explorações através de atividades diversificadas e adequadas ao desenvolvimento. O meio líquido se mostra diferenciado pelo o fato de propiciar ao bebê a exploração dos movimentos em um meio diferente, que possibilita a execução de movimentos que não seriam possíveis no ambiente terrestre e no qual o bebê tem que adequar diferentes parâmetros do movimento, como força e velocidade. Além de a atividade aquática ter uma influencia no desenvolvimento motor, ela apresenta fator positivo interligado para o auto salvamento da criança no meio líquido, a partir do primeiro contato com o meio a criança já aprende e desenvolve técnicas a quais é de grande importância e ajuda para o seu salvamento no meio líquido em caso de acidentes.

O auto salvamento nada mais é do que o conjunto de técnicas básicas de natação, utilizadas com o próprio corpo, é importante o bebê manter-se em

flutuação, pois assim conseguirá manter o rosto livre acima do nível da água, para manter a respiração e assim economizar energia sem ocasionar o desgaste desnecessário até o socorro chegar ou conseguir sair da situação de risco de afogamento, sendo essa técnica desenvolvida nos programas de intervenções aquáticas. Em suma, programas de atividades aquáticas para bebês se mostram muito benéfico, em todos os aspectos do desenvolvimento, sendo assim, mais oportunidades de pratica nesse meio devem se disponibilizadas para as crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHRENDT, L. The influence of water programs on infants motor development during the first year of life under consideration of their mothers physical concept. In: **Congresso Internacional FAAEL**. Toulouse,1999.
- ALMEIDA, C. S. ; VALENTINI, N. C. A influencia de um programa de intervenção motora no desenvolvimento de bebês no terceiro trimestre de vida em creches para população de baixa renda. **Temas sobre Desenvolvimento**, V. 14, Nº 83, 2005.
- ANTUNES, C. Jogos para estimulação das Múltiplas Inteligências. 8 ed. **Petrópolis: Vozes**, 2000.
- ASHER KN; RIVARA FP; FELIX D; VANCE L; DUNNE R. Water safety training as a potential means of reducing risk of young children's drowning **Injury Prev**; 1(4):228-33, 1995 .
- Azevedo, A., Morais, I., Rodrigues, I., Barbacena, M. & Grisi, R. (2008). Os benefícios da natação para bebês de 6 a 24 meses de idade. Em: XI encontro de iniciação à docência. Universidade Federal da Paraíba, 9-11 de Abril, **Centro de Ciências da Saúde/Departamento de Educação Física/Monitoria**, Paraíba, Brasil, pp.1-7.
- AZEVEDO, H. A. Atividades aquáticas para bebês, In: Curso ministrado no **II seminário Internacional de ciência do esporte e da atividade física**, Canoas: ULBRA, 2007.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 9º Edição. Porto Alegre: ARTMED, 2003.
- Borges, J. (5 de Abril de 2008). **A adaptação ao meio aquático**. 2011, disponível em: http://www.esposende2000.pt/imagens/1_esposente_2008_ad_meio_aquatico/1-22.pdf
- BRESGES, L. Natação para o meu neném. Rio de Janeiro: **livro técnico**, 1980.
- CARVALHO, C. (1994). **Natação: contributo para o sucesso do ensino-aprendizagem**. Lisboa: Autor.
- CHEREK, R. Baby and infant/ Toddler Swimming-a holistic psychomotor early intervention in water In: **Congresso Internacional FAAEL**. Toulouse,1999.
- CAMUS, L. (1993). *Las prácticas acuáticas del bebé*. **Barcelona**: Editorial Paidotribo.

CASTLEDINE G. Case 23: the negligent practitioner. Patient who was left unaccompanied in the bath. **Br J Nurs**; 9(6):325, 2000

CORRÊA, M. B. B. Natação – Aprendizado. In: curso mestrado no grêmio náutico união. Porto Alegre, 2009.

DAMASCENO, L. G. Natação para Bebês: dos conceitos fundamentais á pratica sistematizada. **Rio de Janeiro: Sprint**, 1997.

DEPELSENEER, L.G. Os bebês Nadadores e a preparação pré- natal aquático. **São Paulo: Manole**, 1989.

FERREIRA, F. G. GUIADOBEBÊ. **Natação para bebês**. Disponível em: <. acesso em: 18 jan. 2007, 22:10:00.>. Acesso em: 18 jan. 2007.

FERNANDES, A. **Centro pediátrico de Telheiras**. Disponível em:< <http://www.saudepublica.web.pt/Higiene/piscinap.htm>>. Acesso em: 02 Jun. 2007, 21:13:00.

FERNANDES, A. **Centro pediátrico de Telheiras**. Disponível em:< <http://www.saudepublica.web.pt/Higiene/piscinap.htm>>. Acesso em: 02 Jun. 2007, 21:13:00.

FONTANELLI, J. A.; FONTANELLI, M. A. **Natação para Bebês: entre o prazer e a técnica**. São Paulo: Ground, 1985.

FONSECA, V. Psicomotricidade. **São Paulo: Martins Fontes**, 1983

FONSECA, V. Temas de psicomotricidade. O papel da motricidade na aquisição da linguagem. **Cruz Quebrada – Lisboa**. Edições F.M.H. – U.T.L., 1999

GABBARD, C. Lifelong motor development, **Boston: Allyn and Bacon**, 2000.

GALLAHUE, D L.; OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: Bebês, crianças, adolescentes e adultos. **3º edição. São Paulo: Phorte**, 2005.

GRISI, Roseni N. F. Natação para Bebês: uma abordagem psicológica das relações pais e filhos no processo ensino-aprendizagem. **Monografia (Especialização em Ciência da Natação e Hidroginástica)** Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1994. 32 p.

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. Desenvolvimento motor ao longo da vida. 3º edição. **Porto Alegre: artes medicas**, 2004.

JOSÉ, R. M. Guarda-vidas Mirim: adequação da doutrina de salvamento aquático do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina para crianças dos anos finais do ensino fundamental. 2016. 72 f. Monografia (Especialização) - **Curso de Curso de Formação de Oficiais do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, Cebm, Florianópolis**, 2016. Disponível em: Acesso em 24 jun. 2016.

KERBEJ, F. (2002). Natação: algo mais que os 4 nados. **São Paulo: Manole**.

LIMA, E. L. **A pratica da natação para bebês**. Jundiaí. Fontoura, 2003.

LIMA, W. U. **Ensinando Natação**. São Paulo: Phorte, 1999.

MARTINS, M. (2010). O bebê e o meio aquático – estudo da variabilidade da frequência cardíaca em diferentes habilidades motoras. **Dissertação de doutoramento em Ciências do Desporto, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.**

Natação para bebês / Oswaldo Fumio Nakamura, Ruth Helena S. Silveira – São Paulo: Ícone, 1998

MADORMO, S. R. **Natação e Bebês- um capítulo especial.** In: VELASCO, C. G. Natação segundo a Psicomotricidade. 2º edição, Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

MORENO, J. A.; PAULA, L. D. **Estimulación acuática para bebês.** Revista Iberoamericana de Psicomotricidade y técnicas corporales, nov. 2005a.

NAKAMURA, O. F.; SILVEIRA, R. S. **Natação para Bebês.** São Paulo: Ícone, 1998.

PAYNE, V. G.; ISAACS, L. D. **Desenvolvimento motor humano: Uma abordagem vitalícia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

PEREIRA, K. R. G.; VALENTINI, N. C. Desenvolvimento motor de bebês que participam de um programa de atividades aquáticas. In: **Feira de iniciação Científica da FEEVALE**, 2009. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2009b.

RAIOL, P; RAIOL, R. A importância da prática da natação para bebês. **Lecturas, Educación Física y Deportes.** v.15, n150, 2010. Disponível em <:http://www.efdeportes.com/efd150/a-importancia-da-natacao-para-bebes.htm>. 26 Acessado em: 4 nov. 2012.

REBELATO, J. & Conceição, J. (Janeiro de 1989). Natação para bebês: considerações educacionais e fisiológicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 10 (2), pp.60-64.

RODRIGUEZ, C. (2005). **Educação física infantil: motricidade de 1 a 6 anos.** São Paulo: Phorte Editora.

SANTOS, P. R. Natação para bebês. Caracterização da actividade. Breve abordagem sobre o perfil do técnico da natação para bebês. Método de trabalho no S.C.B. Joane. Actas das **II Jornadas Técnico – científicas do Grupo Promoção Desporto e saúde**, 1997.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 3 ed. Porto Alegre, Artmed Editora, 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Global report on drowning: preventing a leading killer. **Genebra: Oms, 2014.** 61 p. Disponível em: http://www.who.int/violence_injury_prevention/global_report_drowning/Final_report_full_web.pdf. Acesso em: 28abr.2016